

Estimadas Senhoras e Senhores, se faz necessário dizer que:

Quando, há poucos minutos, entrei neste Salão, sob tantas palmas generosas, e quando me deparei com tantos rostos caros ao meu coração; quando me reencontrei com tantos acadêmicos cultos e inteligentes; quando vi essa mesa e essas cadeiras ocupadas por pessoas tão queridas e tão importantes; quando tudo isso acabou de acontecer, numa sucessão de rápidos segundos, tive de fazer um esforço muito grande para resistir a tantas emoções e para simplesmente não chorar.

Preliminarmente, saúdo a mesa na pessoa do Senhor Presidente da Academia Sergipana de Ciências Contábeis, o acadêmico Jodoval Luiz dos Santos. Saúdo igualmente aos colegas acadêmicos na pessoa de Maria Salete Barreto Leite, honorável acadêmica desta casa.

Minhas Senhoras e Meus Senhores, boa noite.

Sabe-se que o homem é o único ser biológico capaz de descobrir e de inventar realidades. Este é um patrimônio genético e cultural que ele bem desenvolveu no curso de sua historicidade. Talvez porque ele acredite que foi feito à imagem e semelhança de Deus. Talvez porque, mais ousadamente, se declare sócio minoritário do monopólio empresarial divino. Enfim, talvez porque Deus simplesmente o fez assim.

É entendimento comum que cientistas, filósofos, artistas e escritores constituem uma forma de expressão da especialização cognoscitiva do gênero humano; estes, efetivamente falando, se caracterizam em sua quase totalidade, pela capacidade visionária nata e pelo idealismo quase patológico. Parafraseando a muitos se pode afirmar que o homem, quando deslocado psiquicamente do seu tempo, é apenas inquilino do presente e, em última instância, trânsfuga do futuro. Daí porque excêntricos e nada práticos, incompetentes no trato das rotinas, desatentos dos ritos sociais, olham sempre através ou mesmo além do mundo onde se encravam. Comigo não poderia ser diferente: coloco-me perante as senhoras e senhores como um inquilino inquieto.

Neste contexto, cabe registrar, chegamos até vós, senhores acadêmicos, por vossa vontade e principalmente pela indicação de um de vós que, por emérito, nos cedeu seu lugar em condomínio.

Daí, o nosso dever, não apenas estatutário, mas fraterno, de saudá-los em nosso ingresso nesta casa.

Rejubilamos, pois, por esse inquilinato que nos é propiciado nesse momento e por sentarmos às cadeiras sodalícias que, de fato e de direito, a vós pertencerão; saudamos-vos, pois, na presença dos companheiros da Academia Sergipana de Ciências Contábeis, a que passamos nesta solenidade formalmente a pertencer, assumindo, o compromisso de lutar, até o limite das nossas forças e competências, pelo engrandecimento da contabilidade.

No contexto dessas primeiras colocações cabe indagar: o que significa o termo ACADEMIA? Este termo foi utilizado pela primeira vez no século XV em Florença, Itália, e definia grupos de estudos de cultura clássica. Posteriormente se estendeu às escolas de ensino superior. Sem embargo, foi somente a partir do século XVII que esse termo passou a ser utilizado para designar sociedades de escritores, intelectuais, artistas e cientistas que se reuniam para estudar e promover discussões acerca de suas especialidades.

Com efeito, a Academia não é apenas o depositário fiel das tradições culturais e das conquistas científicas, conforme costumamos entender, mas o ambiente propício ao exercício do diálogo e da reflexão, visando o desenvolvimento sempre crescente do potencial humano em todos os campos e sem limite *a priori* definido. O homem, como observa o filósofo Jean-Paul Sartre, é o que ele faz de si mesmo e, portanto, destinatário final de suas próprias ações. O seu destino e missão se modelam na oficina do seu cotidiano, onde o passado se faz matéria prima na confecção do presente com vista aos desafios do futuro.

Esta é uma Academia sólida e dinâmica, ao mesmo tempo tradicional e moderna. E resistente às intempéries, que, vez por outra, açoitam os alicerces da nossa nacionalidade. Ela não se encastela numa torre de marfim, nem se enclausura num cenáculo hermético e inacessível, preferindo ser uma partícipe atuante e presente em todo o universo sergipano. Em suma, queremos crer que acima das divergências e dos passageiros anos de nossas existências fugazes, vamos aqui, pouco a pouco, sem maiores ambições, construindo o perfil da nossa própria imortalidade, que não se choca com a imortalidade dos céus porque é um constructo da condição humana e terrena.

Passamos a ser imortais quando ingressamos nesta casa, dizemos. Mas perguntamos: porque dessa imortalidade? Que sentido expressa? De passo seja dito que em 15 de dezembro de 1923 foi instituída a bandeira, o selo e a divisa próprios da Academia. Nela sobressai uma coroa de louros em campo branco com a inscrição: *Ad in morim mortalitatem* (Para a imortalidade). Simbolicamente esta é a razão pela qual se atribui aos acadêmicos (os partícipes desta sociedade), a imortalidade. Ou seja, uma vez admitido na Academia, eles estão destinados a imortalidade.

Contudo, a qual imortalidade se refere? Obviamente que não se trata da imortalidade corporal. Tamanha insensatez não caberia em intelectos acadêmicos. A imortalidade a que se refere, é aquela conseqüente à perenidade das boas obras realizadas, a imortalidade na memória das gerações que se seguirão. Aliás, a mesma imortalidade que grava todos aqueles que, mesmo não sendo acadêmicos de instituição, o são de pensamentos, de palavras e atos.

Em análogo, diríamos, todos nós viveremos na memória de nossos filhos e, com certeza, dos nossos netos. Porém poucos, muito poucos, seremos imortais para a humanidade *lato sensu*. Poucos terão o empenho pela paz de um Mahatma Gandhi, o desprendimento de uma Madre Tereza de Calcutá ou de uma irmã Dulce, o virtuosismo musical de um Villa Lobos, o trato das letras de um Guimarães Rosa, o dom hipocrático de um Miguel Couto, de um Cícero Ferreira. Esses possuem a imortalidade de que estamos tratamos no sentido acima. Com efeito, aqui podemos certamente acrescentar alguns nomes de nosso meio e que são, exatamente, aqueles que hoje homenageamos, porque expressam o sentido último da imortalidade aqui discutida. Eles, de fato, nos deixaram em sua expressão biológica - a que chamamos de "corpo"- mas continuam vivos em sua obra, em seu exemplo e em suas lições de vida. Eles são, assim, os academicamente imortais.

Não obstante, deve-se destacar que nós, Acadêmicos, apesar de imortais, somos efêmeros e transitórios. Só as Academias são duradouras e permanentes, resistindo a tudo. Com efeito, elas raramente procuram candidatos. São eles que vêm de bater às suas portas, que sempre se encontram abertas a todas as candidaturas justas e respeitáveis, e que democraticamente são apresentadas.

Para nós, imortais (aqui ousou colocar-me como tal), o tempo se transfigura em eternidade. Pois a imortalidade é a vida contínua e eterna expressada nas obras de cada um. De fato, todos os povos e religiões nela acreditam: desde os gregos de Aristóteles, de Sócrates e Platão até os romanos de Júlio César, Marco Antônio e Otávio Augusto, passando pelos cristãos de Cristo, pelos judeus de Moisés, pelos mulçumanos de Maomé, pelos budistas do Buddha, pelos hindus dos Vedas e pelos brâmanes do Ramayana; portanto, todos têm assumido a imortalidade da obra como uma instituição da humanidade.

Nesse sentido, o melhor a fazer é aproveitarmos nosso tempo, construindo nossa história **nesta realidade que é nossa**, aqui e agora! Portanto, utilizemos nossas energias, nossas forças e nossa vontade, para fazer desse mundo, um mundo melhor para se viver. Nós, nossos filhos, nossos irmãos, a humanidade toda, sem qualquer exclusão, certamente, compreenderá o que fizemos e, quiçá, poderá doar-nos a imortalidade. Sobretudo se nossas ações convergem no sentido de fundar um mundo mais justo, mais fraterno, onde justiça e paz se abracem, onde a fome, a violência, a miséria e as injustiças possam de todo desaparecer.

Se assim agirmos, cada um fazendo o seu papel, cada um cuidando do portal de sua casa, sem se preocupar em monitorar ou censurar o vizinho por não cuidar da frente de sua casa, com certeza estaremos, nós também, a exemplo de tantos que já se transformaram – ou “se encantaram”, como disse Guimarães Rosa – construindo a nossa própria imortalidade. E, além da imortalidade que nos espera – crendo ou não crendo nela – deixaremos a nossa imortalidade nos frutos abundantes que ficarão no tempo e no espaço, ao qual um dia já não mais pertenceremos. Tais frutos, é verdade, servirão a muitos que nos seguirão e que também estarão construindo a sua própria imortalidade.

Certa feita registrou Hipócrates: “*Ars longa, vita brevis*” (A arte é longa, porém a vida é breve). E Sêneca, *a posteriori*, contestou: “A vida não é breve. Nós é que não sabemos dela, aproveitar bem!” Chegados aqui, é preciso ressaltar, a imortalidade acadêmica da qual se fala consiste, sobretudo, em saber valorizar cada momento de construção dessa brevidade como se fosse o único. E dá a ele todo o significado que ele realmente possui sem, contudo, se apegar a ele, pois a impermanência de tudo é a característica mais

fundamental de nossa realidade. Os que aqui são homenageados nesse momento nos dão sobejas provas de tal assertiva.

Em síntese, queremos matizar que estamos entrando nesta Casa nem muito cedo, nem muito tarde, nem muito moço, nem muito velho ainda, parafraseando Epicuro, mas naquela idade ideal e adequada para receber, como recebemos nesta noite, a recompensa acadêmica, queremos crer.

Nossos corações estão plantados agora neste recinto imortal. Aqui, não nos consideramos estranhos no ninho. Estamos ingressando numa confraria de irmãos e amigos da adolescência e da maturidade, antigos colegas, professores, aparências e figuras familiares, como as vossas, enfim, pessoas ligadas a nós pelos laços de uma profunda afeição.

Temos assim NOSSOS nomes marcados para sempre como ocupantes dessas cadeiras. È como se estivéssemos imunes ao esquecimento. Por isso, cultivamos a esperança de que nem tudo desaparecerá com nosso “fim” e de que teremos uma sobrevivência na lembrança da posteridade, embora ocorra que não mais estaremos vivos para presenciá-la.

À guisa de conclusão, em nome de todos, só me resta agradecer, sensibilizada e do fundo do coração, a honrosa presença de todos quantos aqui compareceram para dividir conosco a alegria e a felicidade desta noite inesquecível. E que me escutaram com tanta paciência.

Obrigada a todos